

Mateus

Teologia do Novo Testamento

rev. Jonathan Hack
agosto de 2014

MATEUS

Mateus foi considerado até a Reforma como o primeiro Evangelho escrito. Era o mais usado e citado no catecismo e na liturgia da igreja. Sua posição no cânon facilita a transição entre o Antigo e o Novo Testamento, entre crentes judeus e gentios.

Pode-se resumir seu tema como: Jesus, o Messias judaico, leva a história da salvação ao seu clímax, salvando o seu povo de seus pecados. Versículos principais: 1.21; 28.18-20.

1. Estrutura do livro

O evangelho de Mateus se caracteriza por dois grupos de textos bem definidos: os discursos do Senhor e as narrativas sobre sua vida. Obviamente, o conteúdo e a organização de cada livro bíblico refletem propósitos bem definidos do seu autor (e/ou editor).

Mateus compilou 5 discursos do Senhor que se distinguem nitidamente das narrativas que os rodeiam. Eles são demarcados por uma fórmula especial no final de cada discurso: “tendo Jesus proferido estas palavras” (7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1). Eles formam uma unidade coesa entre si, com objetivos catequéticos, dirigindo-se ao público crente. Pode-se dizer que são o teor básico da “doutrina dos apóstolos” (At 2.42) e, possivelmente, foram redigidos conjuntamente com os demais apóstolos. Seu conteúdo destaca a exigência de uma vida ética, do verdadeiro discipulado:

- 1º discurso (cap. 5–7): discipulado; Jesus, o novo legislador da sua comunidade.
- 2º discurso (cap. 10): missão; Jesus, o construtor de sua comunidade através de seus enviados.
- 3º discurso (cap. 13): parábolas; Jesus, o promotor de sua comunidade.
- 4º discurso (cap. 18): relacionamentos; Jesus, o organizador de sua comunidade.
- 5º discurso (cap. 23?+24–25): futuro; Jesus, o aperfeiçoador de sua comunidade no seu retorno.

As narrativas, por outro lado, se dirigem aos judeus incrédulos, apresentando para eles o caráter messiânico de Jesus. Desta forma, os propósitos do autor se definem como evangelismo (nas narrativas) e discipulado (nos discursos), que são os dois focos da Grande Comissão (28.19-20).

A expressão “depois disso Jesus começou a...” (4.17; 16.21) também parece indicar uma divisão do livro em três seções (1.1–4.16; 4.17–16.20; 16.21–28.18).

2. Características peculiares

- Ponte natural entre o Antigo e o Novo Testamento
- Desenvolve o aspecto particular da história da salvação (cumprimento de profecias a Israel) e o aspecto universal (bênção às nações)
- Ensino ético que condena a religiosidade e incentiva o discipulado. Estas características o tornam uma boa obra para o ensino catequético da igreja.
- Interesse escatológico: ampla seção apocalíptica.
- Há três grupos de personagens em Mateus:
 - Os líderes judaicos são os antagonistas.
 - As multidões, que representam Israel e sua reação a Jesus. Maravilham-se com sua

palavra e milagres, mas não entendem sua identidade. São volúveis (21.8; 26.55; 27.20,25).

- Os discípulos, que em Mateus, de um modo geral, têm um papel mais positivo do que em Marcos (compare Mc 4.40 com Mt 8.26). Eles falham em sua fé (6.30; 8.26; 14.31; 16.8; cf. 17.20) e geralmente não entendem o ensino de Jesus (mas veja 16.12; 17.13), mas estão claramente ao seu lado. Embora o abandonem, no final são restaurados e comissionados para assumir a liderança da igreja e fazer discípulos. Há um maior destaque em Mateus ao papel de Pedro do que nos demais Evangelhos, com diversos relatos exclusivos (17.24-27; 18.21-22) e atuações adicionais em relatos sinóticos (14.28-31; 16.17-20). Ele se torna o representante dos discípulos (cf. 16.19; 18.18).
- Contraste entre Galileia e Jerusalém (similar a Marcos): Galileia é o lugar de esperança e resposta; Jerusalém é o lugar de oposição e morte (2.3; 4.12-16; 21.10-11; 28.10,12).
- Eventos exclusivos: a explicação da gravidez de Maria a José (1.18-25); a visita dos magos (2.1-12); a fuga para o Egito (2.13-15); a matança dos bebês (2.16-18); o suicídio de Judas (27.3-10); o sonho da mulher de Pilatos (27.19); a ressurreição dos mortos na hora da morte de Jesus (27.51-53); e o suborno dos guardas romanos (28.12-15).
- Milagres exclusivos: a cura dos dois cegos (9.27-31); a libertação do mudo endemoniado (9.32-33); e a moeda dentro do peixe (17.24-27).
- Ensinos exclusivos: as parábolas do trigo e o joio (13.24-30,36-43), do tesouro escondido (13.44), da pérola (13.45-46), da rede (13.47-50), do credor incompassivo (18.23-35), dos trabalhadores da vinha (20.1-16), dos dois filhos (21.28-32), da festa de casamento (22.1-14), das virgens sábias e tolas (25.1-13), do dinheiro (25.14-30), das ovelhas e bodes (25.31-46). Além disso, os cinco grandes discursos (embora se encontrem de forma condensada em outros Evangelhos) são bem mais desenvolvidos em Mateus. Acrescente-se também a Grande Comissão (28.16-20).
- Apenas Mateus registra nos Evangelhos o vocábulo “igreja” (*ekklesia*). Ele define a igreja como uma comunidade de crentes em Jesus como Messias e Deus (16.16-18), e como uma comunidade que se reúne em nome de Jesus, cuida dos seus membros e os disciplina (18.15-20).

3. Estilo literário

Mateus é o evangelho que mais evidencia um cuidadoso projeto e estrutura. Ele é claramente um artista literário habilidoso. Usa enquadramentos (*inclusios*): no início fala de Jesus como filho de Abraão e de Davi (1.1), e termina agindo como Rei com toda a autoridade (28.18); fala de Jesus como “Deus conosco” (1.23) e termina com Jesus dizendo “estou convosco todos os dias” (28.20).

Seu estilo é conciso, em comparação a Marcos, que fornece muitos detalhes de uma forma expansiva e vívida. Por exemplo, o relato da ressurreição da filha de Jairo tem 345 palavras (no original) em Marcos (5.21-43), enquanto tem apenas 139 em Mateus (9.18-26). Em relação a Marcos, pode-se afirmar que Mateus: a) frequentemente abrevia narrativas cortando detalhes; b) amplia discursos adicionando material de outras fontes; c) altera a ordem inicial dos eventos (até Mt 14.1 = Mc 6.14); d) omite referências às emoções e ignorância de Jesus; e) melhora o estilo literário do grego dele.

Uma análise de suas palavras e expressões características revela uma ênfase em escatologia e ética, depois em eclesiologia, revelação do AT, cristologia davídica e reino. Seu estilo literário também revela uma mente organizada e bom conhecimento da arte da argumentação.

As constantes alusões e citações ao Antigo Testamento indicam claramente que Mateus escreve para leitores judeus, que conheciam aquele texto. Há cerca de 60 a 65 citações (dobro de Mc e

Lc). Algumas são registradas pelo próprio Mateus (veja abaixo), outra pelos escribas (2.6) e várias por Jesus (5.21,27,31,33,38,43; 9.13; 12.7; 13.14,15; 21.16). Estas só se encontram em Mateus, mas há outras compartilhadas com Mc e Lc (3.3; 4.4,6,7,10; 11.10; 15.4,8,9; 19.5; 21.13,42; 22.24,32,37,39,44; 24.15; 26.31; 27.46). Além disso, por dez vezes o narrador usa uma fórmula de cumprimento, algo como “Isto ocorreu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta...” (1.22-23; 2.15; 2.17-18; 2.23; 4.14-16; 8.17; 12.17-21; 13.35; 21.4-5; 27.9-10). Há ainda inúmeras alusões não identificadas explicitamente a passagens do AT (por exemplo, 12.6,41,42).

É interessante que o narrador em geral segue o texto da LXX em suas citações, mas em alguns casos traduz diretamente do texto hebraico. Isso demonstra que o autor tinha bons conhecimentos de hebraico (reforçando o caráter judaico do texto) e de grego. Observe-se também o “passivo divino” em “foi dito”, evitando-se a menção do nome de Deus. Ao mesmo tempo, Mateus reconhece a agência humana (“pelo profeta”) da Palavra de Deus.

Outra característica literária que revela o caráter judaico de Mateus é seu uso acentuado do advérbio grego *tote* (τότε, “daí”; ±90x em Mt; 6x em Mc; 15 em Lc; 10x em Jo), partícula de ligação comum na narrativa hebraica.¹ Outras indicações de seu forte caráter judaico: cumprimento de profecias; uso de genealogias (que remontam a Abraão, passando pelo rei Davi); designação de Deus como o “Pai celestial” (15x, contra 1x em Mc e 0 em Lc); substituição do nome de Deus por “céus” (especialmente na expressão “reino dos céus”); típico interesse judaico em escatologia; título “Filho de Davi” aplicado a Jesus; alusão a costumes judaicos sem explicações (23.5,27; 15.2; em contraste a Mc 7.2-4); missão exclusiva a Israel (15.24; 10.5-6; cf. 5.17-24; 6.16-18; 23.2-3); designação de Jerusalém como “cidade santa” (4.5; 27.53); Jesus como cumprimento da lei mosaica (5.17); título “Rei dos judeus” dado a Jesus já no início (2.2).

Mateus favorece a organização tópica do seu material, agrupando as perícopes por similaridade temática.² Há coleções de ensino (5–7), milagres (8–9), instruções missionárias (10), parábolas (13), ensino eclesiológico (18), denúncia contra os líderes religiosos (23), e ensino escatológico (24–25). Assim, ele faz uma organização editorial do ensino de Jesus; seus discursos perfazem 75% do evangelho.

Além disso, Mateus favorece grupos de três e de sete, seguindo o costume rabínico.³ A genealogia de Jesus se divide em três seções (1.17) de quatorze (2 x 7) gerações. No ensino de Jesus, há três exemplos de conduta justa, três proibições e três mandamentos (6.1–7.20). Há três tentações (4.1-11), três sinais aos fariseus (12.38-42). Há sete parábolas no capítulo 13, e sete aís no capítulo 23. O uso destes números provavelmente se deve a um desejo de auxiliar a memória dos leitores, assim como seu deleite em repetições de estruturas (1.2-6; 5.2-11, 21-48; 6.2-18; 13.24-33,44-47; 23.1-36), fórmulas (de cumprimento de profecias já examinadas na definição da estrutura do livro; de finalização de discursos: 7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1; de predições da paixão: 16.21; 17.22-23; 20.18-19; de resumos de ministério: 4.23-25; 8.16-17; 9.35-38; 12.15-16; 14.13-14,34-36; 15.29-31; 19.1-2; 21.14-16) e expressões (“respondeu e disse”: 3.15; 11.4; 15.28; 16.17; 21.21,24; 22.29; 24.4; “choro e ranger de dentes”: 8.12; 13.42,50; 22.13; 24.51; 25.30). Adicione-se o uso de enquadramentos (1.23 com 28.20; 5.1-2 com 7.28-29; 5.17 com 7.12), de sumários introdutórios (1.1,18; 4.23; 5.17; 6.1,25; 10.16,26; 11.20; 23.2; 24.3) ou conclusivos (5.48; 6.34; 7.12; 18.35), e uso mais acentuado de paralelismos (veja Mt 6.19-21 com Lc 12.33s; Mt 7.24-27 com Lc 6.47-49; Mt 10.24-25 com Lc 6.40).

Considerando as expressões repetidas que Mateus usa e as demais características didáticas utilizadas pelo autor, pode-se afirmar seguramente que Mateus planejou sua obra cuidadosamente

¹ Outras indicações gramaticais são o uso de “disse” assindético, a preferência por discurso direto e o uso de genitivos.

² Em Marcos e Lucas, vários ditos de Jesus são sequenciados por conterem palavras similares (como Mc 9.47-50).

³ A preferência nestes textos (contra a tradição retórica greco-romana) é a de agrupar itens em grupos de três, quatro, sete e dez elementos.

com vistas ao bom aproveitamento e aprendizagem de seus leitores.

4. A teologia de Mateus

O tema teológico central de Mateus é que a história da salvação alcança seu alvo final em Jesus, o Messias; ou, em outras palavras, que Jesus é o cumprimento das esperanças messiânicas do AT para Israel e para todas as nações. Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Deus conosco que vem salvar seu povo de seus pecados e implantar o Reino de Deus entre os homens. A narrativa tem propósito apologético: é uma defesa extensa de que a “seita” conhecida como “O Caminho” é o judaísmo autêntico que cumpre o propósito de Deus para Israel e para o mundo. Este povo autêntico se define agora não mais pela raça, mas pelo seu seguimento do Messias Jesus. Neste sentido, o evangelho também tem um propósito pastoral, visando fortalecer a igreja ao enfatizar a presença contínua do Cristo ressurreto entre eles.

4.1. Cristologia

Mateus apresenta um duplo retrato de Jesus: como Messias e como Deus. A primeira esfera se adequa ao seu propósito apologético, a segunda é confessional e se adequa ao seu propósito pastoral. Vejamos com detalhes sua descrição de Jesus.

Em primeiro lugar, um dos objetivos do livro é o de convencer os judeus incrédulos de que Jesus é **o Messias** (o Cristo), principal ponto de controvérsia entre o judaísmo e o cristianismo primitivo. Os judeus esperavam um Messias que os libertasse do jugo romano e os levasse a dominar as demais nações como povo eleito de Deus; até João Batista duvidou do papel de Jesus (11.2-3). Assim, Mateus precisava apresentar uma nova interpretação do AT que ensinasse aos leitores a verdadeira função do Messias: a implantação do Reino de Deus. Esta finalidade do livro já transparece no seu primeiro versículo (1.1): Mateus quer demonstrar que Jesus é o Cristo (cf. 1.16), o legítimo herdeiro das promessas feitas nas alianças de Deus com Abraão e com Davi. Isto é reforçado pelo uso do título messiânico “Filho de Davi” em outras ocasiões (1.1,6,17; 9.27; 12.23; 15.22; 20.30-31; 21.9,15; apenas 3x em Mc e Lc).⁴ Enquanto os judeus enfatizavam o lado glorioso das promessas do AT (ser uma grande nação com a proteção divina, estabelecida na Terra Prometida), a parte mais importante das promessas se refere à bênção gerada para todas as nações (Gn 12.3): um reino de paz e justiça social para todos baseado no relacionamento íntimo com Deus (2Sm 7.14). Por meio de seu sofrimento vicário Jesus cumpre estas promessas (Gl 3.16; Lc 1.32-33). Em suma, é o Messias, o Cristo (1.17; 2.4; 11.23; 16.20; 22.42; 26.63).

Muitos fatos da vida de Jesus foram preditos pelos profetas; Mateus cita Isaías, Miqueias, Oseias, Jeremias, Zacarias, Malaquias e os Salmos. O Messias cumpre estas profecias estabelecidas sobre sua vida e também faz uso do AT: nasce de uma virgem (1.23); em Belém (2.6), foge para o Egito (2.15), mora em Nazaré (2.23), é anunciado por João Batista (3.3; 11.10), ministra basicamente na Galileia (4.15-16), cumpre a lei (5.17), faz curas (8.17), divide famílias (10.34-35), realiza sinais messiânicos (11.2-6), é humilde (12.18-21), fala em parábolas (13.14-15,34-35), denuncia a desobediência do povo (15.7-9; 21.13), oferece-se a Israel como um rei humilde (21.5), reconhece o louvor dos pequeninos (21.16), torna-se a pedra angular (21.42), e é preso (26.31,56). Podem-se distinguir três tipos de cumprimento de profecias em Mateus: a) direto e literal (2.5-6); b) tipológico (1.23); c) analógico (eventos similares; 2.18).⁵

Mateus também apresenta Jesus como **o Rei de Israel**: em seu nascimento (2.2), em sua entrada triunfal (21.4-5), em sua reivindicação à realeza (25.34,40; 27.11,29,37,42). Ele é o filho do

⁴ Em 22.41-45, Jesus disputa com os fariseus a identidade do Messias, defendendo que o filho de Davi é o Senhor de Davi e, portanto, o filho de Deus.

⁵ Ou seja, o cumprimento em Mateus não é a ocorrência de uma predição profética, mas a percepção cristã de que um evento do AT serve como padrão para um evento do NT. Em outras palavras, os eventos na história bíblica antecipam eventos no ministério de Jesus e este lhes dá novo significado. Cf. Turner, *Matthew*, p. 17ss.

rei Davi, o Rei esperado; mas não do modo esperado pelos judeus (é humilde e compassivo). Jesus certamente é o Mestre e o Salvador (1.21), mas acima de tudo é aquele que traz o Reino dos Céus. Seu primeiro anúncio é um chamado ao arrependimento diante da chegada do Reino (4.17). O ensino deste Rei se caracteriza por um duplo foco: a pregação do Reino (veja mais abaixo) e o anúncio de seu sofrimento vicário (4.17; 16.21).

Ainda Mateus apresenta Jesus **como homem**, por meio do título que ele usa: “Filho do Homem” (33x, contra 14x em Mc). Ele é o representante dos homens,⁶ por isso sofre por seus semelhantes (8.20; 11.19; 12.40; 17.12,22; 20.28). Mas o título também enfatiza seu poder e autoridade (9.6; 12.8,32; 13.37). O título tem também conotações messiânicas, salientando Jesus como o glorioso Rei que julgará o universo (13.41; 16.27-28; 24.27,30,37,39; 25.31). A transfiguração antecipa a manifestação do Filho do Homem como Rei glorioso (16.28; 17.1-2). Jesus alude a Dn 7.13-14 em seu julgamento (Mt 26.64), respondendo implicitamente que é “o Cristo, o Filho de Deus” (26.63). Após sua ressurreição, recebe todo o poder e a autoridade, cumprindo a profecia. Ele é o homem exaltado (resgatando a função do primeiro Adão).

Além disso, a grande estrutura de 5 discursos apresenta Jesus **como um novo e mais importante Moisés**, que divulga seu ensino também em cinco partes. Como Moisés, Jesus dá suas leis iniciais a partir de uma montanha. Observe-se que, no Sermão do Monte, Jesus atualiza a interpretação da lei anterior (“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”; 5.21,27,31,33,38,43). Em sua fuga dos que o procuravam matar (2.13,20-21) e em sua transfiguração (17.2,5), Mateus retrata os eventos com linguagem similar à usada para Moisés (Êx 2.15; 4.19-20; 34.29).

Além disso, Jesus é também **o novo e verdadeiro Israel**, que encarna o Servo Sofredor anunciado. Nele um novo êxodo está ocorrendo. Pertencer a Israel é pertencer a Cristo; quem se relaciona com ele participa do “Israel de Deus”. Mateus enfatiza que o resultado do ministério de Jesus foi a criação de uma comunidade remanescente de crentes em Deus; nela o destino de Israel será cumprido. É neste sentido que se entende a aplicação de profecias como a de 2.15.

Todas estas categorias acima reforçam o caráter messiânico de Jesus. Porém Mateus também fala do caráter transcendente de Jesus: ele é o **Filho de Deus** (27.43,54; 26.63; 16.16; 3.17; 17.5), que aceita adoração de outros (2.11; 8.2; 9.18; 14.33; 15.25; 20.20; 28.9,17) e tem autoridade sobre a natureza e os demônios (8.29; 14.33). É seu título mais importante. O Filho se submete à vontade divina (4.1-11; 26.36-46) e revela o Pai (11.25-27),⁷ mas é rejeitado pelos “lavradores da vinha” (21.33-41). Outros títulos e analogias divinos são o termo “Senhor” (3.3; 7.21; 22.43; 25.37);⁸ “Deus conosco” (1.23), que no final promete ficar para sempre conosco (28.20); Sabedoria divina (Mt 11.28-30; cf. Sir 51.23-27); “Rei” que julga todas as nações (25.31-46; 19.28; 28.18). Ele é gerado pelo Espírito Santo (1.18,20), ungido por ele (3.16) e capacitado por ele (12.28). Neste sentido, a cristologia de Mateus é mais explícita que a de Marcos, pois os discípulos o chamam de Senhor e Filho de Deus (14.33; 16.16).

Jesus em Mateus, portanto, é “o Cristo, o Filho de Deus” (16.16; cf. 1.1,23; 26.63-64).

4.2. O Reino dos céus

Certamente o Reino de Deus está no centro da mensagem de Mateus.⁹ Os discursos de Jesus anunciam o Reino de Deus, pois ele é o Rei do novo Israel. Seu primeiro discurso (Mt 5–8) é o que

⁶ A expressão é usada principalmente em Ezequiel para se referir à sua fragilidade diante da glória de Deus. Ocorre em paralelismo com “homem”.

⁷ Jesus se refere a Deus como seu Pai 23x em Mt, 15x de forma exclusiva neste evangelho.

⁸ Outras passagens em que Jesus é chamado de “Senhor” por outros: 8.2,6,8; 15.22,25,27; 17.15; 20.30-31,33, e pelos discípulos: 8.21,25; 14.28,30; 16.22; 17.4; 18.21; 26.22. Jesus se descreve como Senhor: 12.8; 21.3; 24.42.

⁹ De 56 textos sobre o reino em Mateus, 29 são exclusivos deste evangelho.

apresenta as exigências éticas do Reino. No segundo discurso (Mt 10), Jesus comissiona seus discípulos a difundirem a mensagem do Reino a Israel. No terceiro (Mt 13), Jesus explica o Reino em parábolas, contrastando a reação positiva e negativa das pessoas à sua mensagem. No quarto discurso (Mt 18), Jesus instrui os discípulos sobre aspectos da vida no Reino. No último (Mt 23–25), Jesus denuncia a hipocrisia dos líderes de Israel e anuncia a destruição de Jerusalém como juízo divino pela incredulidade de Israel.

Mateus prefere a designação “reino dos céus” (32x) em vez de “reino de Deus” (4x), seguindo o costume judeu de substituir o nome de Deus por reverência. A expressão indica o governo soberano de Deus sobre os homens. O reino é espiritual, ético e presente – está perto de todos que se dispõem a receber o governo divino. O reino é pessoal e gradual em seu crescimento, mas tem um aspecto social abrangente.

Mateus enfatiza o objetivo do Reino: a justiça divina para todos.¹⁰ Jesus veio para cumprir a lei (5.17), que apontava para ele; ao mesmo tempo, ele ensina sobre sua contínua autoridade (5.18–19). Seu reino transcende o mero cumprir regras, estabelecendo um novo relacionamento com Deus baseado no amor (22.35–40), como ele demonstra na reinterpretação da lei em 5.17–48. Buscar a justiça de Deus é fazer sua vontade (7.21. 12.50; 21.31); é seguir a Jesus.¹¹ O Reino é o lugar onde a vontade do Pai é realizada aqui na terra (6.10). Mateus fica entre o antinomismo e o legalismo, indicando que a lei fixa as exigências éticas da vida no Reino. O propósito da lei era duplo: a) revelar o padrão da justiça divina; b) revelar o meio de se manter em um relacionamento pactual com ele. Jesus reinterpreta a lei porque é o Messias: a lei ultrapassa a letra; é uma questão de coração (Jr 31.31) e dependência do Espírito Santo. Mateus também reforça que o anúncio da graça antecede o chamado à vida ética na justiça da lei (5.3–12; 9.12s; 10.7s; 11.28–30; 18.23–35; 20.1–16; 22.1–10; 26.26–28).

Embora o Reino de Deus seja presente (já), sua consumação será no futuro (ainda não).¹² No presente, o Reino se revela nas ações poderosas de Jesus (milagres e curas) que derrotam o poder do inimigo e manifestam a presença de Deus, e no seu ensino ético praticado por seus discípulos. Esta presença do Reino é continuada pela igreja, sua maior manifestação, mas não a única. No futuro, o Filho do Homem voltará em glória e dominará concretamente sobre todos, implantando a justiça divina sobre as nações. Ou seja, hoje o Reino de Deus abrange o microcosmo daqueles que voluntariamente se submetem ao Rei; no futuro, abrangerá o macrocosmo e todos se submeterão a ele (cf. Fp 2.5ss). Mateus tem uma ênfase escatológica, incluindo material exclusivo (13.24–30,36–43; 20.1–16; 22.1–14; 25.1–13,31–46). Seu propósito não é o de prover informações, mas de motivar a igreja à correta conduta à luz do juízo e libertação iminentes.

O Reino se instala no presente mediante conflito com os poderes instalados (11.12). Já de início há conflito do recém-nascido Rei com Herodes (2.1–23). Depois João Batista entra em conflito com religiosos e com Herodes (3.7–12; 14.1–12; 17.12). Há conflito com Satanás (4.1–11; 12.24–29; 13.39) e com a tradição religiosa da época (5.20–6.18; 9.1–13,34; 12.1–14,22–32,38–42; 15.1–20; 19.3–9; 21.21–27). O próprio povo não aceitou a mensagem do Reino (11.16–24; 13.53–58). Em especial, Jesus se posiciona contra os escribas e fariseus. Estes são retratados de forma mais negativa que em Marcos (9.4; 12.45; 22.18). São um bando de víboras (3.7; 12.34; 23.33), uma geração adúltera (12.39; 16.4), hipócritas (6.2; 23.13), guias cegos (15.14) e sepulcros caiados (23.27). O clímax ocorre no capítulo 23, mas já é antecipado nos dois capítulos precedentes. Ali Jesus denuncia sua hipocrisia, cegueira espiritual e más ações. Em reação, eles planejam a morte dele (26.3–5,47–56).¹³ Jesus

¹⁰ O termo “justiça” só se encontra em Mt (7x), dentre os Sinóticos (exceto por Lc 1.75). O cognato “justo” ocorre 17x, mais do que os demais três evangelhos juntos.

¹¹ O termo “discípulo” ocorre mais em Mt (73x) do que nos demais Sinóticos.

¹² Houve muito debate teológico favorecendo apenas um lado ou outro (ex: escatologia consistente x realizada; dispensacionalistas x amilenistas). Hoje há consenso sobre a escatologia inaugurada do “já, mas ainda não”.

¹³ Infelizmente, antissemitas usaram o texto de Mt de forma errada, mas a polêmica de Mt contra a tradição religiosa

também revela a rejeição dos judeus religiosos e sua substituição por outros (21.43-45; 8.11-12). A pertença ao povo de Deus ocorre agora por meio da fé e da nova aliança.

Outra característica fundamental do Reino de Deus é sua inclusividade. Israel vinha primeiro no ministério de Jesus, mas os gentios também eram atendidos (cf. 15.29-38; 16.13; 17.14; 15.21-28). De fato, Jesus prediz que seu Reino seria tirado dos judeus e dado aos gentios (como vimos acima). O clímax ocorre na Grande Comissão a todas as nações (28.18-20). Mencione-se também as mulheres gentias na genealogia de Jesus (1.3-6),¹⁴ a visita dos magos gentios (2.1-12), o centurião gentio (8.5-13), a mulher cananeia (15.21-28), os convidados para a festa (22.8-9), a pregação universal do Evangelho (24.14), o reconhecimento do soldado romano sobre Jesus (27.54) e a ideia do mundo todo como campo do Reino (13.38). Além disso, a inclusividade se refere principalmente à abertura do Reino de Deus aos pecadores (que eram barrados pelos religiosos) e aos pequeninos (11.25,5).

5. Sumário

Em resumo, o livro de MATEUS é

Messiânico (defende que Jesus é o Cristo);
 Apologético (para os judeus, mas contra a religiosidade farisaica);
 Teocêntrico (defende que Jesus é Deus conosco);
 Ético (aplicação da lei à igreja como vida no Reino de Deus);
 Universalista (propósito missionário abrangendo as nações);
 Sistemático (organização tópica e cuidadosa).

Bibliografia

- DAVIES, W. D.; ALLISON Jr., Dale C. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to Saint Matthew*. International Critical Commentary. Londres: T. & T. Clark, 2004.
- GREEN, Michael. *The message of Matthew: the kingdom of heaven*. The Bible Speaks Today. Downers Grove: IVP, 2001.
- GROMACKI, Robert G. *New Testament survey*. Grand Rapids: Baker, 1974.
- GUNDRY, Robert H. *A Survey of the New Testament*. 4 ed. Grand Rapids: Zondervan, 2003.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction*. Downers Grove: Inter-Varsity, 1996.
- HAGNER, Donald A. *Matthew 1–13*. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1998.
- LADD, George. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- NOLLAND John. *The Gospel of Matthew: a commentary on the greek text*. New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- RICHERS, John. *Matthew*. Londres: T. & T. Clark, 1997.
- RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998.
- ROBERTSON, A. T. *Commentary on the Gospel according to Matthew*. Nova York: Macmillan,

vigente é uma disputa interna entre judeus sobre o papel de Jesus como o Cristo.

¹⁴ Tamar e Raabe eram cananeias, Rute era moabita, Bate-seba era hitita.

1911.

STRAUSS, Mark L. *Four portraits, one Jesus: A Survey of Jesus and the Gospels*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.

TURNER, David L. *Matthew*. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker, 2008.

WILKINS, Michael J. *Matthew*. NIV Application Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 2004.